



Fotografar amigos ou parentes é uma boa alternativa para montar o portfólio de book de noivos e casamento

Fotos: Shutterstock

Determinação

O SEGREDO PARA SER UM PROFISSIONAL

POR JOSÉ DE ALMEIDA

Cinco diretores de escolas que oferecem cursos profissionalizantes falam dos principais problemas para o recém-formado se inserir no mercado

Fazer um curso profissionalizante de fotografia é o caminho que muitos escolhem para se inserir no mercado. Mas isso basta? Não. Ter um certificado de conclusão do curso é apenas a primeira etapa. O caminho para o sucesso profissional é geralmente longo e de cada 10 pessoas que penduram o diploma na parede no máximo quatro efetivamente se firmam como fotógrafos profissionais. O maior problema, segundo especialistas no assunto, está na falta de determinação para encarar um mercado muito competitivo, ainda mais quando o Brasil

passa por uma grande crise econômica.

Fotografe ouviu cinco experientes diretores de escolas de fotografia de São Paulo (SP) que formam alunos em cursos profissionalizantes: Ênio Leite (Escola Focus), Thales Trigo (Contraste), Bruno Sellmer (Techimage), Rodrigo Zugaib (FullFrame) e Danilo Russo (Instituto Internacional de Fotografia). Todos concordam em pontos fundamentais: é preciso muita dedicação às aulas e, depois da formação, mais dedicação ainda para montar um bom portfólio, fazer a divulgação do trabalho e encontrar espaço no mercado vendendo serviços de boa qualidade.



As mulheres têm se interessado mais do que os homens por cursos profissionalizantes

Os cinco apontam também uma tendência que vem se fortalecendo nos últimos anos: há mais mulheres do que homens hoje nos cursos profissionalizantes e, de maneira geral, elas têm menos dificuldades para se firmar como profissionais e viver de fotografia, além de ter certa “reserva de mercado” em um segmento que vem crescendo: imagens de recém-nascidos, o *newborn*. Fotografia de gestantes, de família e de sensualidade (*boudoir*) são outras áreas em que elas têm mais sucesso do que os homens.

VOO DE GALINHA

Diretor da escola Techimage há 24 anos, Bruno Sellmer bate na tecla de que não adianta só saber fotografar, é preciso ter tino comercial para progredir na profissão e gerir o próprio negócio. E também não adianta

apenas ter tino comercial e entregar um serviço de má qualidade, pondera ele. As duas coisas devem andar juntas, pois, segundo Bruno, “sem isso, a entrada no mercado vai ser um voo de galinha”. O principal conselho que dá aos recém-formados é um só: “Faça o Empretec”, referindo-se ao curso de formação de empreendedores dado pelo Sebrae (veja mais em <http://bit.ly/1WatSqF>).

Para Bruno, fazer esse curso é fundamental para entender o que é ser um empreendedor e como comandar uma pequena empresa de serviços, principalmente como gerenciar os custos, que não são baixos. “Paralelamente a isso, o aperfeiçoamento técnico deve ser contínuo para entregar um produto de qualidade”, diz.

Os custos, aliás, devem ser bem detalhados, já que sem isso o fotó-

grafo pode chegar ao cúmulo de pagar para trabalhar, alerta o experiente Thales Trigo, professor de fotografia há 30 anos, um dos criadores do curso de Bacharelado em Fotografia do Senac-SP e atualmente dirigindo a própria escola, a Contraste. “Quando se monta uma estrutura para começar a trabalhar, se a pessoa não planejar direito, os custos a corroem pelas pernas”, diz Thales. Ele chegou a montar uma planilha com um ex-aluno para a montagem de um estúdio simples, caseiro, e, no final, a conclusão foi de que os custos consumiriam cerca de R\$ 60 por hora. “Tudo foi contabilizado, equipamentos, depreciação do material, água, luz, internet, telefone, deslocamentos... Muitos itens. E esse custo por hora é para um cara que vai trabalhar em casa, ou seja, não tem aluguel, por exemplo”, explica.



Fotos: Shutterstock

Começar como assistente ou estagiário é o mais comum para entrar no mercado de trabalho

COMEÇAR DE BAIXO

Segundo o professor Ênio Leite, diretor há 43 anos da Escola Focus, muitos terminam o curso achando que vão ganhar dinheiro rapidamente, erro fatal para iniciantes. “É preciso fazer o caminho de qualquer outra profissão. Começar por baixo, com pouco, às vezes como assistente de alguém, ir ganhando experiência, melhorando a qualidade do trabalho, e aí passar a ganhar mais”, afirma. Vender-se no mercado sem ter a tarimba necessária pode ser uma armadilha. Ênio conta que recentemente um ex-aluno, que não concluiu o curso profissionalizante, foi processado por um casal com base na lei dos direitos do consumidor. Teve que aceitar pagar R\$ 6 mil na audiência

de conciliação para encerrar o caso.

“Ele nunca tinha fotografado um casamento e foi se meter a fazer o serviço. O trabalho ficou péssimo. Estragou um momento único na vida do casal e com toda a razão foi processado”, relata Ênio. Na Escola Focus, diz ele, todos são orientados a tirar um registro de fotógrafo no Ministério do Trabalho, o MTb. “Apesar de a profissão não ser regulamentada, é possível ter um MTb. Depois que o aluno entrega o TCC e faz a conclusão do curso, recebe o certificado que lhe dá direito a ter esse registro. Isso é importante. Dá mais credibilidade para o profissional”, assegura.

Rodrigo Zugaib, ex-professor de Fotografia do Senac-SP e hoje diretor de escola FullFrame, diz que dá para perceber quem terá mais chances de se inserir com sucesso no mercado: é o aluno interessado, que entrega os trabalhos no prazo, não chega

atrasado, não falta, interpela o professor quando tem dúvida, visita exposições, lê livros e revistas sobre o assunto, é curioso... “Todos que se dedicam entram no mercado. Alguns levam menos tempo e outros mais. Em média, esse período de maturação é de uns dois anos”, avalia.

O fotógrafo italiano Danilo Russo, do Instituto Internacional de Fotografia (IIF), diz que é preciso trabalhar com a ansiedade dos recém-formados, pois muitos esperam um retorno imediato e, na prática, a vida não é bem assim. “Os que não conseguem se firmar é porque não mantêm constância no que fazem, não têm disciplina para continuar o aperfeiçoamento técnico, e isso é fundamental. Muita gente termina o curso e abandona a prática. Fotografia é exercício diário. Se você não correr atrás, o cliente não vai bater na sua porta. Não há uma fórmula mágica”, explica.

Quem deixa outra profissão para apostar na fotografia não deve esperar retorno imediato



MUDANÇA DE VIDA

Danilo, como os demais diretores de escola, recebe muita gente que busca uma mudança de vida, deixando uma profissão ou um emprego com carteira assinada com a meta de virar fotógrafo profissional. “É um público mais maduro, que vai dos 25 aos 40 anos e já tem uma formação. Gente de banco, do mercado financeiro, TI, advocacia, marketing... No caso da minha escola, representa 90% dos alunos”, informa.

Segundo ele, são pessoas que até aceitam ganhar menos para buscar uma qualidade de vida melhor, sem chefe ou patrão. Há também os que perdem o emprego e buscam a fotografia. O experiente fotógrafo diz que eles são informados para que não trabalhem com expectativas de se firmar no mercado em menos de dois ou três anos. “Os que não conseguem se firmar é geralmente porque não se de-

dicam como deveriam à fotografia. Esse mercado nunca foi fácil em nenhum lugar do mundo”, afirma.

Bruno Sellmer não aconselha nenhum aluno com esse perfil a largar a profissão ou o emprego depois de se formar. Para ele, o profissional iniciante deve ter “uma entrada suave na atmosfera”. Bruno cita a própria história: era guia especializado em montanhismo nacional e internacional quando descobriu a fotografia. Foi levando as duas atividades em paralelo. Quando a fotografia passou a tomar mais tempo que do montanhismo, percebeu que era hora de mudar de vida. “Primeiro, a fotografia pode ocupar as horas vagas da pessoa e os fins de semana. Quando ela sentir que está sendo mais exigida, mais requisitada e está ganhando dinheiro com isso, é o momento de virar fotógrafo profissional de vez”, explica.

Rodrigo Zugaib tem opinião con-

trária. Acha que quem quer realmente se inserir no mercado e obter sucesso precisa decidir logo e mergulhar de cabeça na nova atividade. “Fotografar só nos fins de semana não funciona. Muita gente faz isso, eu sei, mas os casos que conheço de sucesso são daqueles que se entregam de corpo e alma à profissão”, avalia.

PORTFÓLIO

Ter material de qualidade para mostrar, o portfólio, é uma das falhas mais comuns entre os recém-formados, confirma Thales Trigo. Para ele, essa deve a primeira preocupação logo após a conclusão do curso. “Não adiante montar portfólio com fotos de paisagem ou feitas nas ruas. É limitado. É preciso ter uma estrutura mínima para começar a produzir, nem que seja para parentes e amigos, e ter imagens para apresentar aos clientes”, ensina. Danilo Russo

Fazer parcerias com colegas de curso diminui os custos para montar um estrutura de trabalho



Fotos: Shutterstock

IIF faz congresso de fotografia artística

Danilo Russo percebeu uma tendência entre uma parcela de seus alunos no Instituto Internacional de Fotografia (IIF): um interesse em produzir fotos voltadas para o mercado de artes. Por isso, entre os dias 24 e 25 de outubro, o IIF, em parceria com a artista visual Danny Bittencourt, irá promover o primeiro congresso internacional de fotografia artística em São Paulo (SP), o Photo Inspiration. O objetivo é promover a troca de conhecimento e experiência entre os profissionais da área, abordando os mais diversos temas da fotografia, do fotojornalismo à *fine art*. Nomes como Dennis Ramos, Marcos Varanda, Jacqueline Hoofendy, Caroline Paternostro, Guy Veloso, Gui Mohallem e Magdalena Berny já estão confirmados. Além disso, o evento poderá ser acompanhado ao vivo pela internet, com transmissão na íntegra para quem não puder comparecer. Mais informações: www.photoinspiration.com.br.

também observa nesse quesito um ponto negativo entre os alunos. “Muitos nem fazem um portfólio decente. É algo básico, alertamos o tempo todo, mas tem gente que ignora. Aí fica mais difícil mesmo”, argumenta.

Thales diz que a Contraste criou uma espécie de cooperativa entre alunos e ex-alunos para tornar isso mais viável e incentiva parcerias para diminuir custos. Também empresta equipamentos e aluga o estúdio (R\$ 100 a diária). “Recentemente, uma aluna fez um trabalho de moda em nosso estúdio. Ficou das 10h às 20h. O que cobramos é para a manutenção. Ela teve a chance de ganhar dinheiro e enriquecer o portfólio com custos mais baixos”, informa.

Na FullFrame, Rodrigo criou a Agência Frame para oferecer serviços de fotografia e busca repassar trabalhos para ex-alunos. Assim eles conseguem incrementar o portfólio. O diretor da escola também os ajuda a conseguir estúdio ou dar as-

sistência a fotógrafos experientes. “Orientamos da melhor forma possível, mas cada um precisa lutar pelo seu espaço no mercado. Nosso curso profissionalizante é mais focado em estúdio, mas temos curso de especialização em fotografia de casamento, por exemplo, que muitos fazem depois de formados”, diz.

O mercado de fotografia social, que inclui casamentos, é o mais procurado pelos alunos e o mais rentável. Ênio Leite diz que fazer um portfólio para essa área não é tão complicado, pois o profissional iniciante pode ter um parente que vai se casar, uma amiga que está grávida, outra que teve filhos recentemente, e assim por diante. “O que é preciso é saber fotografar esses eventos para produzir um trabalho de qualidade. Se a pessoa se dedicar ao curso e tiver um mínimo de talento, vai conseguir dar conta do recado”, avalia.

Para Bruno Sellmer, além de ser o nicho que mais dá dinheiro hoje para o



Mulheres têm mostrado mais determinação para se firmar no mercado do que os homens

fotógrafo, a fotografia social, na maioria das vezes, só trata de gente feliz, o que torna o trabalho mais prazeroso. “É casal vivendo a felicidade da união, a mulher feliz pela gravidez, a mãe nas nuvens com o bebê... Para fotografar isso, é preciso estar na mesma sintonia e ter muita responsabilidade, pois são momentos únicos na vida dessas pessoas”, comenta.

A VEZ DELAS

O mais vivido na área dos cinco diretores de escola ouvidos por **Fotografe**, Ênio Leite não tem dúvida: as mulheres podem dominar a fotografia no futuro. Dez anos atrás elas eram raras nas salas de aula da Focus, hoje há classes com pelo menos 50% delas e outras em que são maioria. As vantagens da profissional feminina sobre o masculino, segundo Ênio: “Têm mais paciência, sabem vender melhor o seu trabalho, pois sabem que são mulheres que decidem a compra de muitos serviços”. Danilo Russo afirma que no IIF elas representam dois terços das classes

e que são mais dedicadas no curso do que os homens. “Algumas abandonam a carreira antiga após ter um filho e vem para a fotografia para ter mais qualidade de vida e gerenciar o próprio tempo”, conta.

Para Bruno Sellmer, o monopólio masculino foi quebrado há alguns anos, e isso é visível na Techimage. “Muitas começaram como assistentes, foram se infiltrando e hoje estão dominando os cursos profissionalizantes”, afirma. Para ele, as alunas são mais sensíveis e muito focadas na profissão. Thales Trigo tem a mesma impressão e acrescenta que há segmentos em que o domínio delas é natural: fotografia de grávidas, de família, de sensualidade (*boudoir*) e, claro, *newborn*. “Na área de recém-nascidos eu sei que tem homem fotografando, mas é quase uma reserva de mercado das mulheres. Eu nunca me meteria a fazer isso, tenho medo de manusear um bebezinho”, confessa.

Na Contraste, Thales diz que é meio a meio, mas com algumas salas

com maioria de mulheres, assim como em alguns horários. Ele acha natural o domínio delas em segmentos específicos, pois envolvem mulheres sendo fotografadas e elas se sentem mais à vontade com outra mulher. Mas o contrário não existe, assegura. “Hoje não há uma área que seja domínio absoluto dos homens. Elas estão em todas e fazendo ótimos trabalhos”, diz.

Rodrigo Zugaib faz coro com os demais diretores e diz que a Full-Frame já teve salas só com mulheres e que vem observando um crescimento do público feminino nos últimos dois anos. “Elas mostram uma dedicação maior e são mais flexíveis. Mas pegam no pesado também, pois o tratamento aqui na escola é igual. Todo mundo tem de ralar”, afirma. Com três unidades em São Paulo (Pinheiros, Tatuapé e Santana), a Full-Frame fez um levantamento dos últimos três anos e concluiu que formou 60% mais mulheres do que homens no curso profissionalizante. “É mais uma área que elas estão dominando”, constata Rodrigo. ●